

GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO
MÔNICA M. TASSIGNY
CAROLINA TORQUATO MAIA



ESSÊNCIA FEMININA NORDESTINA

GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO
MÔNICA M. TASSIGNY
CAROLINA TORQUATO MAIA

ESSÊNCIA FEMININA NORDESTINA

FORTALEZA
2023

ESSÊNCIA FEMININA NORDESTINA

Copyright © *Grecianny Carvalho Cordeiro, Mônica M. Tassigny*

Carolina Torquato Maia, 2023

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Arte da capa

Côca Torquato

Diagramação eletrônica

Léo de Oliveira Alves

Impressão e acabamento

Expressão Gráfica e Editora

arte@expressaografica.com.br

(85) 3464-2222

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães

-CRB 3 801-98

C 331 e Cordeiro, Grecianny Carvalho

Essência feminina nordestina / Grecianny Carvalho

Cordeiro, Mônica M. Tassigny, Carolina Torquato Maia.-

Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2023.

64p.

ISBN: 978-65-5556-697-0

1. Narrativa literária 2. Histórias de mulheres

3. Prosa e poesia I. Tassigny, Mônica M.

II. Maia, Carolina Torquato III. Título.

CDD: 808

APRESENTAÇÃO

O passado nos chega por uma narrativa de homem: por homem, do lugar de homem, da linguagem de homem. Os problemas, os desafios e os interesses do mundo masculino peneiraram os eventos que constituíram o passado e a abordagem pela qual se o narrou. A sensibilidade e a fala femininas, as preferências e prioridades de mulher, os seus desafios e as suas derrotas, não participaram da tecitura linguística pela qual se contou, geração após geração, o ontem. O mundo feminino reteve-se privado, ocultado por venezianas cuidadosamente cerradas, e mesmo quando se deu a conhecer como objeto da narrativa, o foi pela fala masculina.

Ainda que se compromettesse a tomar uma mulher como protagonista de uma história, se o fazia pelo olhar do homem, que mesmo imbuído da boa vontade com a mulher, não a conseguia narrar pelo lugar da mulher. É desse hiato que reclama o livro “Essência feminina nordestina”. Trazendo a narrativa de três mulheres sobre mulheres nordestinas, não apenas se traz os eventos protagonizados por mulher à construção do passado, como se o faz do lugar de mulher. A narrativa das histórias de mulheres, em primeira pessoa, por mulheres, permite que eventos históricos sejam contados a partir do lugar de mulher, das questões que afligiam o seu mundo: a submissão, a religiosidade, a espera, o casamento, a viuvez, a maternidade, a emancipação.

As três narrativas dessa obra, a primeira, toda prosa, que se dissipa pelos desvãos esquecidos da casa grande, a segunda, cunhada pela palavra exata, pictoricamente construída por figuras de linguagem que se tatuam no coração do leitor e a terceira, já poesia pura, feita da força, de ternura, da liberdade e de amargura, dão uma dica de como teria sido a história se narrada por mulheres. Fica, no entanto, reservada à imaginação, a resposta à indagação de como teria sido o hoje, se adviesse de um ontem narrado pela mulher.

Natercia Sampaio Siqueira

Professora do Programa de Pós-Graduação
da Univerisidade de Fortaleza - Unifor

NOTA DAS AUTORAS

Durante muito tempo a História foi escrita por homens, o que por si só lhes assegurava um quase exclusivo protagonismo diante dos acontecimentos que selaram os destinos da humanidade.

No Brasil, o papel da mulher na História sempre foi relegado a um segundo plano, como decorrência inerente de uma sociedade enraizada em uma cultura patriarcal. Em razão disso, em que pese sua relevância nas mudanças sociais, culturais e políticas ocorridas no país, à mulher não foi dado o devido destaque, provocando, assim, uma injustiça histórica que, aos poucos, vem sendo redimensionada.

Na literatura, não foi diferente. Por um longo tempo, a mulher não podia escrever, tampouco publicar um livro, exceto se o fizesse mediante a utilização de pseudônimo, sem que sua real identidade fosse revelada, ou, ainda, com a autorização do marido, se casada fosse.

As raízes históricas de discriminação também guardam estreitas conexões com o poder econômico, assim, as regiões brasileiras tradicionalmente mais ricas, ocuparam lugares de destaque nas expressões culturais femininas, sobretudo, em relação às expressões de mulheres nordestinas.

A despeito das limitações impostas à mulher, sempre houve aquela que rompeu as barreiras do preconceito e das

convenções sociais da época para realizar seus sonhos, para lutar por causas que considerava importantes, para alcançar um espaço em uma sociedade que não a via como ser político ou social, cabendo-lhe tão somente exercer o papel de dona do lar e de mãe. Muitas foram as mulheres que abraçaram o ideal libertário e revolucionário e, por tal motivo, foram incompreendidas por muitos e compreendidas por poucos. Por certo, essas mulheres causaram espanto, sofreram discriminações e foram rotuladas de modo pejorativo; nem por isso desistiram de seu desiderato.

Se ainda hoje, em pleno século XXI, apesar de todos os avanços, a mulher continua enfrentando as barreiras do preconceito de uma cultura machista, em que muitos se atrevem a dizer o que se pode e não se pode fazer, ao voltar os olhos para essas extraordinárias mulheres dos séculos anteriores, nelas encontramos fontes de inspiração e de orgulho, porque graças a elas, caminhos foram abertos e veredas foram trilhadas para as gerações futuras. E o mínimo a se fazer, é preservar suas memórias, não deixando que seus legados se percam na efemeridade do tempo.

Estas mulheres excepcionais, pelo modo de vida e legado, merecem, cada vez mais, revisões históricas e novos conceitos sobre a própria noção de ser humano, secularmente identificado com o masculino, devendo ser atualizado em bases mais abrangentes, capazes de abarcar singularidades humanas, em particular, na projeção de modelos femininos do Nordeste, reconstituindo e incluindo seus protagonismos e seus lugares de fala.

O objetivo do presente livro é justamente esse, reconstruir a memória de mulheres marcantes que exerceram grande influência histórica no imaginário feminino da região Nordeste. São narrativas complementares de três escritoras mulheres, que a elas procuram dar voz, para tanto, fazendo uso da licença poética, em prosa e em verso, para expressar suas essências.

A ideia aqui não consiste em elaborar biografias, mas ressaltar interpretações de modelos femininos personificados nas mulheres que exerceram importante papel na História do Brasil, a partir do Nordeste, a saber: Maria Tomásia Cardigo, Maria Tomásia Figueira Lima, Carolina Carlota Cordeiro, Bárbara de Alencar, Jovita Feitosa, Maria Quitéria, Ana Néri, Henriqueta Galeno e Rachel de Queiroz.

Essas mulheres dizem muito sobre o que somos hoje, portanto, faz-se necessário lançar um olhar ao passado para falar o que fora calado, para mostrar o que fora ocultado, para despertar a curiosidade de algo que pode vir a ser esquecido, ainda que de forma ficcional.

O livro tem a pretensão de ser inteiramente feminino, com a apresentação da obra feita por uma proeminente professora universitária, Natercia Sampaio Siqueira, e com a capa feita a partir da arte da reconhecida artista plástica, Côca Torquato.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
NOTA DAS AUTORAS.....	5

Grecianny Carvalho Cordeiro

O DIÁRIO DE MARIA TOMÁSIA.....	11
MARIA TOMÁSIA FIGUEIRA LIMA	28
CAROLINA CARLOTA CORDEIRO	36

Mônica M. Tassigny

SEMPRE BÁRBARA.....	47
A MADREPÉROLA ELEGANTE DO “MUNDO EQUÍVOCO”	50
EU, ALFERES.....	53

Carolina Torquato Maia

LUTA SUBMERSA.....	59
A PALAVRA ACABA	61
MUNDO DE RACHEL	63

Grecianny Carvalho Cordeiro

Grecianny Carvalho Cordeiro

Promotora de Justiça no Ceará. Mestre em Direito Público pela Universidade Federal do Ceará e Universidade de Fortaleza. Doutoranda em Direito Constitucional pela UNIFOR. Articulista do Jornal O Estado. Livros jurídicos: *Penas Alternativas* – uma abordagem prática; *Privatização do sistema prisional brasileiro*. Romances: *Anjo caído*; *Troia* – uma viagem no tempo; *Troia* – uma viagem para o futuro; *Marcas da inocência*; *De covardes e de heróis, todos temos um pouco*; *Cyberbullying*, a dor que dói em mim; *Operação Prometeu* – nos bastidores do tráfico de órgãos; *Siara*, uma lenda de amor; Poemas: *Poemas a quatro mãos* (vol. 1, 2, 3 e 4) (com Luiz Gondim). Contos: *Contos escolhidos* (com Angélica Sampaio). Membro da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), da AJEB-CE, da Sociedade Amigas do Livro e de várias outras entidades literárias e culturais.

O DIÁRIO DE MARIA TOMÁSIA¹

Nunca me preocupei muito com a posteridade, em deixar um legado para as gerações vindouras, tampouco em deixar meu nome gravado para sempre na História. Seria muita ousadia de minha parte, afinal, tais ideias povoavam a mente dos homens como se lhes fora um atributo exclusivo e, de certo modo, era assim que as coisas funcionavam naquele tempo. Na verdade, essas inquietações permearam a vida de meu marido que, por ironia do destino, veio a perecer da forma mais injusta possível, pobre e esquecido.

Escrever um diário não estava entre os meus planos, aliás, quantas coisas não estavam e, ainda assim, aconteceram, mostrando o quão surpreendente poderia ser o destino! Passados tantos anos e após ter sofrido tantas provações e privações, fui invadida por uma vontade de passar minha vida a limpo, no bom sentido da expressão. É o que ora pretendo fazer.

Enquanto umedeço a pena no tinteiro, mil e uma memórias perpassam por minha cabeça e fico refletindo como conseguirei colocá-las no papel sem que me torne enfadonha. Eis uma preocupação que não devo ter. Pode ser que ninguém tome conhecimento de meus escritos até que meus olhos cerrem definitivamente para a morada eterna. Quem sabe, um dia, um filho, uma nora ou um neto se interessem pelo meu diário e deseje folheá-lo. Quem sabe, um dia, algum desconhecido dele tome conhecimento e demonstre interesse em

lê-lo. Seja como for, tudo o que desejo é que o que escrevo nestas linhas seja bem compreendido, levando as luzes e as sombras do passado ao presente e ao futuro, de uma mulher que simplesmente deixou de existir, mas que em sua existência, fê-lo em sua plenitude.

Minha infância foi vivida com intensidade na fazenda em que morávamos em Apipucos, na capitania de Pernambuco, onde meu pai possuía um engenho. Eu e minhas irmãs brincávamos correndo pelos canaviais, tomávamos banho de rio, andávamos a cavalo, nos lambuzávamos com o melaço da cana e tomávamos leite mugido. Essa liberdade não era tão plena quanto desejávamos, pois éramos vigiadas e acompanhadas por duas índias encarregadas de zelar pela nossa integridade para que, ao final do dia, estivéssemos limpas e devidamente vestidas para jantar na presença de nossos pais. Nos dias de domingo, era obrigatória a nossa presença à missa. Usávamos as roupas mais elegantes e a família toda seguia em procissão para a pequena igreja que meu pai erguera próximo à Casa-Grande, ocasião em que um padre vinha especialmente, de Olinda, para a celebração.

Quanto à adolescência, lembro que foi a partir dessa fase da vida que comecei a perceber o mundo à minha volta com mais clareza e, por certo, havia muitas coisas das quais não gostava.

Primeiramente, não compreendia por qual razão alguns indígenas eram tão rebeldes com os colonos que ali chegaram para povoar aquele lugar tão selvagem, propiciando-lhes a oportunidade de se catequizar e de conhecer os ensinamentos do Deus único, retirando-lhes do estado de ignorância. Esses aborígenes faziam emboscadas contra os colonos, invadiam as vilas e queimavam as fazendas. Meus sonhos eram povoados por bárbaros que vinham nos exterminar. Por outro lado, havia os índios dóceis e de trato fácil, muitos dos quais trabalhavam nos engenhos de meu pai. O fato é que eles sempre me chamaram a atenção. Achava seu diferente biotipo bonito, os olhos amendoados, os cabelos negros, os poucos pelos no corpo.

O que me chocou bastante foi quando começaram a chegar os escravos da África, de lugares dos quais jamais ouvira falar. De repente, a fazenda estava repleta de homens e mulheres da tez mais escura que já tinha visto na vida. Eram muito exóticos e confesso que fiquei encantada. No entanto, chamou-me a atenção o tratamento que lhes eram dispensados. Não eram tidos como seres humanos iguais a mim ou à minha família ou mesmo aos índios, eram peças, mercadorias de venda e de troca, pior que isso, estavam sujeitos a todo tipo de humilhação e maus-tratos. Aquilo me incomodava.

Certa feita, ouvi minha mãe conversando com meu pai sobre a forma como os negros estavam sendo tratados nos canaviais, em especial, pelos chamados capitães do mato. Ela dizia que aquilo era contra os ensinamentos de Cristo, para quem todos os homens eram iguais, feitos à Sua imagem e

semelhança. Meu pai, levemente irritado, refutou que isso não se aplicava aos escravos, pois não eram seres humanos, além disso, a lei lhe conferia poder de vida e de morte sobre eles. Quando mais tarde perguntei à minha mãe sobre a conversa que tinha escutado, ela simplesmente respondeu que eu nunca esquecesse de que aos olhos de Deus, todos éramos iguais.

Era na adolescência que o despertar para certas questões surgiam sem que tivéssemos a quem indagar para sanar as dúvidas existentes, muitas delas constrangedoras. Particularmente, sentia que havia algo muito estranho acontecendo em mim. Meus seios começavam a despontar por entre a roupa, com os mamilos intumescidos e doloridos, os pelos surgiam na genitália e em várias partes do corpo e, ainda, um calor inexplicável nas partes íntimas. Naquela época, falar sobre intimidades ou sexo era algo sacrílego.

E as primeiras notícias que tive acerca do assunto foi por intermédio das negras que trabalhavam na cozinha e falavam sobre os relacionamentos entre os senhores de engenho e suas escravas, muitas das quais eram feitas de amantes e até geravam filhos, sem direito a qualquer privilégio. Eram situações de abusos em que elas eram obrigadas a satisfazer a lascívia de seus donos, mesmo após uma exaustiva jornada na lavoura ou nos serviços domésticos, mesmo que estivesse enamorada de outro escravo da senzala. A escrava era um mero objeto para atender aos desejos de seu proprietário. Pouco importava que quisesse ou não. Foi nessa ocasião que fiquei pensando se meu pai agia do mesmo modo. Será que ele faria isso com minha mãe? Será que ele tinha feito alguma escrava sua amante?

Talvez não deva deixar escrito tais coisas nesse diário, mas em minha adolescência, confesso que eu mesma me imaginei sendo possuída por algum dos escravos de meu pai, másculos e musculosos, com o suor escorrendo pela bela pele negra, após um dia de labuta. Se sendo uma jovem donzela, fui invadida por tais pensamentos, fiquei a imaginar o que passaria pela cabeça de meu pai em relação àquelas mulheres que eram sua propriedade. Só me atrevi a colocar revelações dessa ordem aqui porque meu marido já falecera, do contrário, poderia parecer uma forma de traição.

Isso é o máximo que falarei sobre meus desejos íntimos. Não conseguirei ir adiante de forma confortável. Nem todos os pensamentos devem ser externados. Paro por aqui.

Quando cheguei à idade de casar, como era de esperar, meu pai cuidou em arranjar um homem de posses e de relevância na sociedade para desposar sua filha. Aquela ideia me apavorava. E se ele escolhesse um homem feio e bem mais velho? E se eu detestasse meu pretendente? E se ele fosse violento e me tratasse com desrespeito? Aquelas dúvidas eram as mesmas de todas as jovens que eu conhecia.

Embora pertencesse a uma família rica e influente da capitania de Pernambuco, em que meu pai era bastante respeitado, ainda assim, nada disso me daria garantias de que casaria com meu príncipe encantado ou mesmo com aqueles homens

elegantes e educados saídos dos romances de cavalaria que costumava ler. Rezei muito para que não viesse a sofrer e pedi para que a sorte me sorrisse, concedendo-me um bom marido.

Decerto, minhas preces foram atendidas. Pero Coelho de Sousa era o nome do meu pretendente. Natural dos Açores, era um homem de espírito aventureiro que já comandou uma galé do rei, depois, seguiu para o Brasil e participou da expedição da conquista da Parahyba ao lado de Frutuoso Barbosa, o primeiro Governador daquela capitania. Pero Coelho exercia um relevante cargo na cidade de Filipeia de Nossa Senhora das Neves, onde tinha vários bens e investimentos.

Se havia um atributo com o qual poderia traduzir meu marido, seria o de aventureiro. Ele não dispensava uma boa aventura, não medindo esforços para vivenciá-la com intensidade. No início, não o compreendia. Era-me difícil entender como um homem de posses poderia arriscar verdadeiras fortunas em busca de um destino incerto. Ele me respondia com um sorriso empolgado que nada tinha a ver com o dinheiro, mas com a glória, com a certeza de levar seu nome para o futuro, de modo a fazer parte da História. Aos poucos, fui absorvendo suas palavras. Quando finalmente entendi o que ele dizia, o tempo havia passado e resolvi escrever este diário.

Assim é a vida. Somente compreendemos o presente quando olhamos para o passado. Algumas vezes, extraímos boas lições. Outras vezes, nada aprendemos e repetimos os mesmos erros.

Voltando ao meu casamento. Meu pai escolheu com acerto o meu marido. Aliás, isso era coisa que ele sabia fazer com

maestria. Também arranjara um excelente casamento para minha irmã mais nova, Felipa, com o abastado Frutuoso Barbosa, o já referido Governador da capitania da Parahyba que, por duas vezes, tentou administrar o lugar, sendo vencido por intrigas políticas, até que veio a desistir de seu intento e voltou a residir na capitania de Pernambuco, sede de seus negócios.

Pero, meu marido, era maravilhoso. Pelo menos, era assim que eu o via. Pero era também o nome de meu pai, cujo sobrenome era Cardigo. Logo quando casamos, fomos morar na capitania da Parahyba, na cidade de Filipeia de Nossa Senhora das Neves. Nossa casa era uma das poucas de alvenaria situada próximo à igreja e vivíamos com bastante conforto para os padrões da época.

Sei que você deve estar curioso quanto às minhas núpcias, caro leitor. Deixei de lado essa passagem de forma proposital, para instigar sua curiosidade. Omitir acerca desse assunto não ficaria bem em um diário, onde tudo deve ser revelado. Falarei sobre isso agora.

Quando fora marcada a data de meu casamento, minha mãe me chamou à sala de estar e, reservadamente, passou a me falar sobre o real significado do matrimônio, cabendo à mulher o papel de servir ao marido, a ele se unindo de todas as formas. Ela falou que à mulher era concedido o divino papel de gerar uma família, pela qual deveria zelar sem medidas. Na verdade, ela deixara mais dúvidas em minha cabeça do que certezas. Quis indagar o que um homem e uma mulher fariam quando estivessem a sós no leito, mas faltou-me coragem.

Embora eu já fizesse alguma ideia, a partir dos relatos ouvidos das escravas, pareceu-me desrespeitoso tocar naquele assunto com minha mãe, sem que passasse pela minha mente que ela também fizera a mesma coisa com meu pai. Aquilo parecia sem sentido, pois minha mãe era tão pura e tão religiosa. Mas ela teve vários filhos com o meu pai e de que outra maneira seria senão pela cópula? Mãe era algo sagrado, a exemplo da Virgem Maria. Seria a minha mãe como a Virgem Maria? Eu estava confusa.

Hoje, posso dizer que não. Minha mãe era uma mulher como outra qualquer, a exemplo de mim. E uma mulher somente pode gerar filhos se mantiver relações íntimas com um homem. Foi o que aprendi na igreja, com exceção da Virgem Maria, é claro. Aprendi que o sexo era somente para procriar e jamais poderia ser usado como instrumento de prazer carnal para a mulher. Diferentemente do homem, este tinha necessidades fisiológicas a satisfazer, por isso, ele precisava do sexo; por isso, ele precisava do prazer, e sua esposa nunca poderia ser vista como meio para atingir tal fim.

Sei que pareço dar voltas sobre o assunto, é que é difícil para mim colocar certos sentimentos e impressões no papel. Tentarei. Sei que posso vir a me arrepender e rasgar as folhas em que expus minha intimidade tão a fundo.

Quando, finalmente, fiquei no quarto a sós, pela primeira vez, com meu marido, confesso que fiquei apavorada. Imaginei alguma maneira de fugir. Mas era um caminho sem volta. Ele percebeu meu constrangimento e sorriu com naturalidade. Se

aproximou com cautela, como quem se acerca de uma presa braba, e procurou me tranquilizar, dizendo que seria gentil comigo e que não me machucaria.

Meu pudor me impede de contar os detalhes. No entanto, posso assegurar que aquela foi a experiência mais incrível que tive, na medida em que pude me despir de todos os ensinamentos religiosos sobre pecado, inferno, impiedade e sacrilégio, para então, encontrar a plenitude do prazer e a alegria do gozo. Era algo que não poderia compartilhar com ninguém, nem mesmo com minha irmã e confidente Felipa, sob pena de vir a ser confundida com uma mulher da vida. Paro por aqui. Não quero constranger o leitor mais que a mim mesma. Sinto que meu rosto está enrubescido nesse exato instante.

Nos braços do meu marido encontrei o amor e, para bem além, os prazeres do sexo. Pecado ou não, deixarei para ser julgada após a morte, pelo Santíssimo.

Minha vida ao lado de Pero Coelho foi algo que poderia adjetivar, no mínimo, como inusitada para os padrões da época.

Em 1603, meu marido partiu rumo à capitania do Siará, para dali seguir para a capitania do Maranhão, com a finalidade de expulsar os franceses que se aliaram aos índios da região. Era uma bandeira ousada, na qual ele investira muito

dinheiro para a compra de suprimentos e pagamento do soldo dos soldados que o acompanhavam. Enquanto isso, eu fiquei na Parahyba, administrando a casa, cuidando dos nossos cinco filhos e gerenciando nossos bens. Quanto a essa última tarefa, ele poderia muito bem ter pedido ao meu pai para que resolvesse tudo o que dissesse respeito à vida financeira, mas ele confiou-a a mim, dando-me carta branca.

Foram anos de ausência. Dele nada sabia, tampouco recebia notícias. Havia momentos em que acreditava que nunca mais o veria e isso me apavorava. Durante o dia, ocupava meu tempo ao máximo para não pensar em tolices, no entanto, era no silêncio da noite que minha alma sofria de preocupação e meu coração chorava de saudade.

Quando ele finalmente regressou de sua bandeira, estava cansado, com o semblante envelhecido, emagrecido pela fome e pelas privações sofridas. Quando Pero me contou sobre a longa caminhada até o Siará, os índios que os seguiram ao longo do trajeto, a rusticidade do clima, os duros embates na Serra da Ibiapaba e a expulsão dos franceses da região, ele alternava entre a tristeza e a alegria, entre a languidez e a euforia. Recordo bem do orgulho em sua fala ao relatar como rendeu os temíveis caciques Diabo Grande e Mel Redondo. Ao invés de ser visto como herói, ele fora duramente criticado por trazer consigo vários índios prisioneiros para vender aos senhores de engenho de Pernambuco e da Parahyba, os quais foram libertados sob as ordens do próprio rei, por não mais ser permitido aprisionar indígenas.

Pero não era homem que se rendia com facilidade diante dos revezes da vida. Apesar da decepção, ele estava determinado a regressar ao Siará e se instalar para povoar aquele lugar e explorar suas riquezas. Seu espírito de aventura clamava por aquilo. Daquela vez, seria diferente. Outros planos perpassavam pela sua cabeça. Ele me convencera a acompanhá-lo naquela empreitada. Como nunca sabia lhe dizer um não, assenti e então, dei início à empreitada mais ousada de minha existência.

No ano de 1605, viajei em uma caravela para a capitania do Siará levando meus cinco filhos, além de muita expectativa. Na realidade, era mais temor que expectativa. Tinha medo de começar da estaca zero em um lugar tido como inóspito, infestado de índios e ainda não colonizado. Portanto, ali não encontraria os pequenos luxos com os quais me acostumara a viver, quando ainda sob a responsabilidade de meu pai, depois, quando casei com Pero. Ali não encontraria armazéns onde poderia comprar de gêneros alimentícios a tecidos vindos da Europa. Posso parecer fútil, mas independentemente do padrão de vida que se tenha, caminhar para o menos sempre gera incômodo.

O Siará era um lugar bonito. O mar era de um verde-esmeralda de encher os olhos de paz. As areias das praias sem fim eram tão claras que davam um toque de suavidade aos mistérios que guardavam suas matas. O vento parecia sempre tomado de fúria por não conseguir aplacar o causticante calor que fazia durante o dia, bem diferente da noite, refrescante e serena.

Talvez eu pudesse ter me encantado com aquele lugar, não fossem as tantas provações enfrentadas. Nossa vida era dura. Morávamos em um fortim de taipa e pau a pique construído quando Pero estivera ali pela primeira vez, dando ao local o nome de Nova Lisboa. Ficava à beira de um rio, com vistas para o mar. Meus dois filhos mais velhos acompanhavam o pai e seus homens nas missões de reconhecimento, a fim de descobrir eventuais fontes de riqueza e de alimento. Os índios encontravam-se espalhados em várias tribos e se mostravam cordatos. Enquanto isso, eu ficava em casa na lida doméstica e os meus três filhos mais novos ficavam brincando com os curumins, os filhos das índias que me ajudavam nos afazeres de casa. Ressalto, eram mulheres livres com quem fiz amizade e se propuseram a colaborar em minha labuta.

Talvez eu pudesse ter ficado naquele lugar com minha família, formando um povoado que se tornaria uma futura vila e próspera cidade, não fosse uma terrível seca que nos deixou completamente sem água, para beber, para cozinhar os alimentos, para dar aos animais, para plantar... Não havia sequer um pequeno oásis capaz de nos manter minimamente até cair a próxima chuva.

Mais uma vez, vi o semblante derrotado de Pero. Mais uma tentativa sua fracassada. Mais uma esperança perdida. Ele sabia que não havia alternativa senão recuar e abandonar o lugar que elegera para construir uma cidade, o embrião de uma futura civilização. Sim. Ele sonhava grande. Se não fôssemos embora o quanto antes, todos nós pereceríamos famintos e sedentos.

Assim, arrumamos uns poucos trapos e o que sobrara de provisões e rumamos de volta à Parahyba. A pé, seria um longo trajeto. Quem sabe, morreríamos no caminho, de inanição ou abatidos por algum selvagem. Quem sabe, chegaríamos a salvo. Estávamos jogados à nossa própria sorte. Como não dispúnhamos de nenhuma embarcação, teríamos de enfrentar aquele desafio.

Cada passo dado era uma conquista. Apesar da exaustão, eu não tirava os olhos dos meus filhos. Os três pequenos se revezavam entre meus braços e os do pai quando não tinham mais forças para caminhar. Eles choramingavam de fome e de sede. Os pés estavam feridos e os rostos queimados pelo sol. Os dois maiores se esforçavam em mostrar que já eram homens e seguiam sem nada reclamar. Desesperada ao ver o sofrimento dos meus filhos, eu rezava com fé, ora para o Deus dos meus ancestrais, ora para o Deus da igreja católica em que fui criada, implorando para que nos permitíssemos sobreviver àquele martírio. Como sendo a única mulher da expedição, presenciei o verdadeiro retrato da miséria humana e pude constatar o quanto os homens poderiam se transformar em meninos quando diante de situações de extrema penúria.

De vez em quando, algum soldado era acometido de intensa febre e passava a delirar coisas sem nexo; não conseguia andar devido às terríveis chagas que tomaram de conta dos

seus pés; se ajoelhava na areia escaldante e clamava aos céus que o levasse para a morada divina... Eram muitos os sofrimentos, eram muitas as súplicas. Enquanto isso, eu observava o silêncio contido de Pero e era capaz de ouvir seu arrependimento, sua culpa e sua mágoa. Eram sentimentos que ele não poderia externar. Era o responsável por aquele grupo de miseráveis e cabia-lhe levá-los a salvo para casa.

Certo dia, já não sabendo há quanto tempo andávamos no meio daquele deserto sem fim - uma vez que Pero havia escolhido o caminho que beirava o mar por ser o mais fácil e para que não nos perdêssemos em plena mata fechada e, também, por ser mais seguro em relação aos gentios -, vi que meu filho primogênito tombara. Dei um grito que mais pareceu um grunhido e fui até ele. Pero correu para acudi-lo. Reunindo todas as suas forças, ele pegou o corpo magricela do filho no colo e levou-o para o que parecia uma ínfima sombra de um cacto. Não havia árvores capazes de dar sombra. Todas esturricaram com a seca, restando apenas meros gravetos incapazes de sustentar uma folha sequer.

Interrompemos a marcha e resolvemos ficar ali até o dia seguinte, quando meu filho estivesse recomposto. Fiquei ao seu lado a noite inteira. Pero conseguiu uma água salobra que não servia para ingerir, a qual usei para umedecer seus lábios ressecados, em carne viva. Meu filho não tinha forças para abrir os olhos ou para murmurar algo. Ele nunca havia reclamado de nada para não parecer fraco aos olhos do pai e suportara sua dor com resignação. Tentei chorar ao vê-lo naquele estado deplorável, mas não havia lágrimas a serem derramadas. Antes mesmo do amanhecer, senti a respiração de seu peito silenciar

para sempre. Agarrei-me ao seu corpo tão jovem e o embalei como fazia quando era bebê. Não pude entoar uma canção de ninar. Não tinha forças para isso.

Após enterrar nosso filho bem próximo ao cacto que lhe servira de precário abrigo, olhei para os outros quatro meninos e vi que não poderia desistir. Eles teriam que sobreviver e eu tinha que garantir isso. Pero estava desolado e emudecido, totalmente apático. Reuni as forças que ainda restavam em minha garganta e disse à deplorável expedição que precisávamos continuar a caminhada. Ninguém se mexeu.

Resoluta, peguei no braço de Pero e ordenei com firmeza que ele tomasse a frente e nos conduzisse de volta à nossa terra, da qual nunca deveríamos ter saído. Chamei-o para a sua responsabilidade quanto ao nosso destino e ao daqueles homens que o seguiram fielmente, enfrentando gigantescas adversidades, por acreditar em sua liderança. Pero olhou-me com o olhar vazio, mas compreendeu minhas palavras. Sem nada dizer, quase como um autômato, ele tomou a dianteira e tornou a nos guiar.

De vez em quando, um soldado estancava os passos, anunciava que desistiria e pedia para que o deixássemos morrer ali mesmo. Pero não ouvia as súplicas e seguia em frente. Era nessa ocasião que eu me aproximava do desistente, o encorajava com palavras e o fortalecia com orações. O soldado, então, renovava as forças e se levantava. Fiz isso em várias ocasiões. Estava determinada a não permitir que ninguém se entregasse à morte. A perda de meu filho já fora suficiente.

E como sempre vem a bonança depois da tempestade, após andarmos léguas e léguas de distâncias no meio de uma

implacável seca, nossa estropiada expedição fora vista por um jovem índio de rosto bondoso, não demorando a que logo se aproximassem de nós um padre e vários gentios catequizados, os quais nos ampararam e nos levaram para que fôssemos cuidados e alimentados.

Depois dessa trágica epopeia, fugindo da terrível seca que se instalara no Siará, conseguimos retornar à Parahyba, para a nossa casa, para os nossos afazeres, para a nossa rotina. Até certo ponto, pois Pero nunca mais fora o mesmo. Aquele aventureiro que vibrava diante de enormes desafios dera espaço a um homem amargo e sem brilho no olhar. Ele simplesmente perdera a capacidade de sonhar. Pero não conseguia ver os quatro filhos sobreviventes que cresciam bem e com saúde, pois sua alma fora enterrada junto ao corpo do filho primogênito, num local que sequer saberia dizer o nome.

Pero perdera toda a sua fortuna, além de sua honra, uma vez que o erário se recusava a indenizá-lo pelos serviços prestados à Coroa. Foi assim que ele decidiu reclamar seus direitos em Lisboa. Na verdade, eu sabia que tudo o que ele queria era fugir de sua culpa e de suas lembranças.

Quanto a mim, não carregava culpa em meu coração, mas guardava inúmeras lembranças, dentre boas e más, guardá-las-ia todas, pois seriam meu maior legado, a prova de que vivenciei situações inimagináveis para uma mulher de minha época.

Quem sabe, um dia viria a ser fonte de inspiração para alguma outra mulher, para meus familiares, para as pessoas dos lugares por onde passei.

Talvez quem sabe, por meio desse diário, possa mostrar o pouco de quem realmente fui: Maria Tomásia Cardigo Coelho de Sousa.

1 Maria Tomásia Cardigo era casada com Pero Coelho de Sousa, o primeiro Capitão-Mor do Siará, que saiu da Paraíba e comandou uma bandeira de exploração no ano de 1603, tendo por objetivo chegar até o Maranhão e expulsar os franceses que se aliaram aos índios da região. O texto é ficcional, embora baseado em fatos históricos. Preferimos usar a grafia da época em relação às capitâneas do Siará (Ceará) e da Parahyba (Paraíba).

MARIA TOMÁSIA FIGUEIRA LIMA¹

Sempre simpatizei com a causa abolicionista por influência de meu segundo marido, Francisco de Paula de Oliveira Lima. Por essa razão, na medida do possível, talvez até para bem além do impossível, o ajudei em sua difícil missão de conscientizar as pessoas da grandeza daquele ideário humanista. Viria a conhecer o movimento abolicionista um pouco mais tarde e quando isso aconteceu, mergulhei de cabeça naquele ideal que passou a ser uma espécie de estilo de vida. Para meu grande orgulho, com o tempo, seria conhecida como “a Abolicionista”.

Como quase todas as mulheres da minha época, casei-me muito jovem e tive muitos filhos. Quando meu primeiro marido Rufino Furtado de Mendonça faleceu, vi-me desesperada frente à responsabilidade de criar os meus oito filhos sem a presença de um pai. Como minha família em Sobral tinha consideráveis posses, jamais passou pela minha cabeça sofrer privações de ordem material. Não era isso o que me afligia. O difícil mesmo era ver-me sozinha e tão inexperiente diante da sociedade e do mundo, o que provocava uma assustadora sensação de desamparo. Meu estado de viuvez durou 19 anos, portanto, já não era mais uma menina assustada, mas uma mulher que sabia exatamente o que queria e o que não queria para si. Quando conheci aquele que viria a ser meu segundo marido, percebi que a sorte havia mudado a meu favor.

Daí então, nos unimos em núpcias e fomos morar na capital da Província, em Fortaleza. Tive ainda mais dois filhos com Francisco.

A vida na capital da Província era efervescente. Parecia que a cidade vivia em constante ebulição, principalmente, nas questões políticas que tiravam o sossego do Império, a exemplo dos movimentos em favor da libertação dos escravos que surgiam em todo o Ceará e em vários lugares do Brasil.

Uma reunião fora marcada pelos integrantes do Perseverança e Porvir, na chácara de José do Amaral, no Benfica. O propósito era claro: organizar uma sociedade abolicionista formada apenas por mulheres. Era aquela a primeira vez que os homens viam a importância feminina como elemento agregador.

Claro que muitas mulheres endossavam aquela causa e com ela simpatizavam. Muitas delas acompanhavam os maridos nas reuniões e nos movimentos de libertação. Era difícil não conceber que todo ser humano deveria ser tratado enquanto tal e, por isso mesmo, deveria ser livre. A escravidão era uma triste realidade e caberia àqueles que a repudiavam trabalhar pela sua erradicação. A criação de uma sociedade abolicionista formada somente por mulheres era algo que nos encantava, pois realçava a concepção de que éramos vistas não somente como meras coadjuvantes, mas como protagonistas da História. Isso mexeu com nosso orgulho e atijou nosso senso de responsabilidade. Quando falo na terceira pessoa do plural, falo com segurança, porque era esse o sentimento causado

em nós mulheres. A Sociedade das Cearenses Libertadoras fez com que todas nós que a integravam jurassem a bandeira abolicionista e entrassem na luta de corpo e alma.

Na ocasião, chamou-me a atenção o discurso do enigmático advogado José do Patrocínio, que viera do Rio de Janeiro para colaborar com o movimento abolicionista que se espalhava pelo Ceará feito rastilho de pólvora, tendo dito: “É preciso fazer da fraqueza da mulher o mais forte de todos os poderes, a evangelização pelo encanto, a libertação pela magia de sua graça²”.

Ele fora bastante aplaudido, eu mesma o aplaudi, por uma questão de delicadeza. Em particular, não concordei com a expressão “fraqueza da mulher”. Patrocínio dizia isso porque refletia o pensamento dos homens. Lamentavelmente, eles não sabiam o quão forte era preciso ser para ser uma mulher. Eles não faziam ideia do que era receber uma educação limitadora enquanto o irmão possuía toda a liberdade do mundo; eles não faziam ideia do que era manter a discrição e o silêncio para não ofender o pai ou o marido ao externar opiniões e sentimentos; eles não sabiam o que era menstruar todos os meses, tampouco o que era a dor do parto. Eles não imaginavam a fortaleza que havia em cada mulher... Isso não vinha ao caso agora, era extenso o rol de situações em que jamais poderíamos ser vistas como seres dotados de uma fraqueza inerente, o que realmente importava é que havíamos conquistado um lugar de destaque num ambiente predominantemente masculino, daí porque, enquanto diretora-geral de uma sociedade abolicionista, deveria dar o melhor de mim, afinal, estava à frente de 23 valorosas mulheres, as quais deveria incentivar e encorajar.

Na Sociedade das Cearenses Libertadoras tinha Elvira Pinho como meu braço direito, uma professora bastante inteligente e dinâmica. Além dela, havia outras imbuídas do mesmo sentimento de promoção da liberdade. No entanto, Elvira Pinho estava comigo em todas as ocasiões, mesmo quando não aprovava minha ousadia em sair à noite para tratar de cartas de alforria³. Contrariada, ela dizia que eu estava contribuindo para ficar malvista.

O dia da instalação da Sociedade das Cearenses Libertadoras ocorreu em 6 de janeiro de 1884, em uma bela solenidade no Clube Cearense. Meu discurso foi emocionante e fui aplaudida de pé. Vários outros ilustres cidadãos de renome discursaram, inclusive, o próprio José do Patrocínio, o Conselheiro José Liberato, o dr. Guilherme Studart, dentre tantos outros. A querida amiga Emília de Freitas também fez uso da palavra e foi ovacionada. Várias cartas de liberdade me foram entregues na ocasião por doze senhoras ilustres, que aderiram à nossa causa, libertando seus escravos.

Na Pacatuba, considero um dos dias mais marcantes em minha vida. Era o dia 2 de fevereiro de 1883 e a cidade estava em festa. Para lá foram homens e mulheres de influência na sociedade, pelo que destaco os sempre presentes Conselheiro Liberato Barroso, o General Tibúrcio, o Coronel José Albano, o Barão de Aratanha, Guilherme Studart e até o lendário Francisco do Nascimento (Dragão do Mar), os quais profeririam discursos emocionados.

Rodolfo Teófilo, casado com Raimundinha Teófilo, ela, natural de Pacatuba, foi bastante homenageado pela sua atuação

na causa abolicionista, mais que isso, ele era referência na erradicação da terrível epidemia de varíola que assolou nossas plagas.

Quando a banda de música do 15º Batalhão de Infantaria começou a tocar, senti meus olhos marejados de lágrimas. O simbolismo daquele momento era único, era aquela a festa da liberdade. Não era somente isso, na verdade, era a festa pelo fim da escravidão, o que não era a mesma coisa.

Depois, fomos todos para a igreja matriz a fim de assistir a missa celebrada pelo Padre Memória, em seguida, nos encaminhamos para um vasto salão onde se deu a cerimônia da Sociedade Abolicionista Pacatubana, para o fim de declarar livre de escravo o patriótico município de Pacatuba⁴. Na ocasião, 95 cartas de liberdade foram concedidas.

Meu discurso foi emocionado. Aliás, deixando um pouco a modéstia de lado, meus discursos eram bem elaborados e eu tinha o dom da oratória. Sempre era bastante aplaudida. Naquele dia, como exigia o momento, fui a primeira a falar e meu discurso tocou o coração dos presentes. Às vezes, ficava em dúvida se era aplaudida pelo teor dos meus discursos ou porque admiravam a audácia de uma mulher em exercer a liderança de um movimento tão revolucionário. Isso pouco importa.

Nesse ínterim, também me agradava ajudar os mais necessitados, razão pela qual fazia questão de participar da organização do jantar dos pobres⁵, integrando uma comissão formada por outras mulheres. Eram preparados lautos banquetes em que as pessoas mais abastadas contribuíam para saciar a fome de tantas pessoas que viviam em nossa Província em situação

de penúria. Era gratificante ver a felicidade que éramos capazes de proporcionar a seres tão carentes, vistos com carinho por nós e quase invisíveis para o governo.

Também estive presente em várias cidades que organizaram solenidades para declarar o fim da escravidão. Não faltava a quase nenhuma, afinal, representaria a Sociedade das Cearenses Libertadoras. Mas a maior de todas as lutas foi a libertação da Província do Ceará, pois sua capital já havia declarado o fim da escravidão no ano anterior.

Acordei ansiosa naquele dia 25 de março de 1884. Acho que sequer dormi. De longe, pude ouvir os tiros de canhão disparados da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Não contei quantos foram, sei apenas que foram muitos. Logo cedo, fui à Praça Castro Carreira⁶, em frente ao belo prédio da estação ferroviária, onde ocorreria a solenidade, em uma espécie de galpão organizado para tal finalidade. Fiquei acompanhando a chegada da multidão e deparei com olhares curiosos e semblantes alegres. Era aquele um dia de festa.

Por volta do meio-dia, ao som da música do 11º Batalhão da Infantaria e da polícia, após a entrada das autoridades eclesiásticas, era a minha vez e das demais mulheres abolicionistas que representavam os 58 municípios da Província. Estávamos vestidas de branco com um laço azul a tiracolo, ostentando o nome do município que representávamos, portando belos estandartes.

A solenidade começou após a chegada do Presidente da Província, dr. Satyro Dias, ocasião em que foi tocado o

Hino da Redenção, composto pelo Maestro Pedro Gomes do Carmo⁷. E houve discursos emocionados, aplausos calorosos e muita alegria. Antônio Bezerra e Francisca Clotilde declamaram belos poemas. Como não poderia deixar de ser, subi à tribuna e discurssei, representando a Sociedade das Cearenses Libertadoras, aliás, era um lugar em que me sentia bastante confortável. Gostava de falar para multidões.

Ao longo de minha vida vi e vivenciei muitas coisas. Nunca me omiti em relação àquilo que acreditava ser injusto e errado, procurando me posicionar não apenas com palavras, mas com atitudes, porque de nada vale argumentar na comodidade de nossa rotina, nos limitando a uma bela oratória. Fui uma ardorosa defensora da liberdade e da atuação da mulher nos destinos de minha cidade e do meu país. Sabia que estava predestinada a morrer velha⁸, quanto a isso, nada tenho do que reclamar, foi um privilégio negado a muitas companheiras de luta; à velhice só tenho a agradecer por ter me permitido testemunhar o fim da escravidão no Brasil e o início da República. Algo no fundo de minh'alma dizia que eu jamais seria esquecida.

-
- 1 Maria Tomásia Figueira Lima nasceu em Sobral, no ano de 1826. Era descendente de famílias tradicionais, Figueira de Melo, Xerez e Viriato de Medeiros (GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969, p. 137). Seu nome era Maria Tomásia do Livramento Xerez Linhares e era conhecida como “a Abolicionista”. Era filha de José Xerez Linhares e Ana Figueira de Melo. Teria casado com Rufino Furtado de Mendonça em 21.12.1840. Casou em segundas núpcias com Francisco de Paula de Oliveira Lima em 31.03.1859. <https://gw.geneanet.org/augeri?lang=en&n=livramento&oc=1&p=maria+tomasia+do>. Acesso em 12.10.2022.
 - 2 GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. Ob. cit. p. 136.
 - 3 https://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1977/ACL_1977_06_Elvira_Pinho_Candida_Maria_S_Galeno.pdf. Acesso em 12.10.2022.
 - 4 SOMBRA, Waldy. Rodolfo Theófilo: o varão benemérito da pátria. Fortaleza, 1997, p. 65.
 - 5 <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=229865&pagfis=1089&url=http://memoria.bn.br/docreader#>
 - 6 Atual Praça da Estação, em Fortaleza.
 - 7 *Jornal Libertador* de 2 de abril de 1884. <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=229865&pagfis=1089&url=http://memoria.bn.br/docreader#> e <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1984TE/1984TE-ADecaracao.pdf> Acesso em 12.10.2022.
 - 8 Consta que Maria Tomásia teria falecido no Rio de Janeiro, no ano de 1902. <https://gw.geneanet.org/augeri?lang=en&n=livramento&oc=1&p=maria+tomasia+do>. Acesso em 12.10.2022. Outras fontes informam que teria falecido no Recife.

CAROLINA CARLOTA CORDEIRO¹

Foram tempos difíceis aqueles e sei disso, porque acompanhei de perto a terrível seca de 1877, em que a cidade de Fortaleza transformou-se num verdadeiro caos devido à chegada de milhares de esqueléticos retirantes vindos dos variados recantos do interior, nutridos apenas com a esperança de conseguirem uma ocupação qualquer na capital da Província, para não morrerem de fome. Era aquele o retrato do degrado humano. Seria aquela a sina do nordestino.

Embora houvesse contraído núpcias há apenas dois anos e me dedicasse às tarefas relacionadas à administração do lar, procurava me manter a par do que acontecia na cidade, tudo por influência do meu marido que, apesar de bastante atarefado com os problemas envolvendo sua firma, era muito preocupado com os assuntos de ordem pública, em especial, a questão da seca e suas nefastas consequências.

Aproveito para me apresentar: me chamo Carolina Carlota Cordeiro. Aliás, devo dizer que meu querido pai escolheu como esmero um marido para mim. João Cordeiro era um homem bom, educado e extremamente generoso. E quando se determinava a algo, não havia quem o dissuadisse do contrário. Todos esses atributos fizeram com que me apaixonasse por ele. Perdidamente.

A contragosto, João aceitou a nomeação feita pelo Presidente da Província do Ceará, Doutor José Júlio de

Albuquerque Barros, para ser o Comissário-Geral dos Socorros Públicos. Ainda relutou, mas fora impelido por um sentimento de dever cívico e humanitário em relação aos retirantes, uma vez que lhe cabia providenciar o necessário auxílio e instalá-los nos barracões construídos nos arredores da cidade. Era também responsável por embarcar muitos desses pobres seres em vapores com destino às regiões Norte e Sul. Quando João chegava em casa, durante o jantar, gostava de compartilhar comigo suas alegrias e seus dissabores diários, ocasião em que o escutava atenta.

Como não bastasse a seca, no ano de 1878, uma epidemia de varíola acometeu o Ceará, provocando inúmeras mortes; não escolhendo a terrível doença sexo ou classe social, pois mesmo a mulher do Presidente da Província, dona Marieta Gabaglia, quedou-se enferma e logo veio a falecer. Era tão dramática a situação que nem os coveiros davam conta do próprio serviço, deixando muitos cadáveres para serem sepultados somente no dia seguinte.

Poderia parecer egoísta de minha parte, mas meu temor de contrair tal doença era imenso, até porque corria sérios riscos em virtude do trabalho desempenhado por meu marido, a manter contato próximo com os doentes. Certa feita, quando ele chegou febril em casa, fiquei apavorada, ainda assim, tive de cuidar dele, ficando ao seu lado até que melhorasse. Somente depois de algum tempo viria a saber que João se dedicara a essa causa por três anos sem receber nenhuma paga por isso, a não ser ingratidão, inclusive, sendo severamente criticado por um senador cearense cujo nome nem gosto de proferir.

No início de 1879 a varíola fora praticamente erradicada, graças ao trabalho hercúleo do farmacêutico Rodolfo Teófilo, que contava com a ajuda da esposa Raimundinha Cabral Teófilo, - a quem tive o prazer de conhecer -, além de um criado, os quais saíam de casa em casa para imunizar as pessoas contra a doença, com uma vacina por ele mesmo desenvolvida e fabricada.

O rastro de morte deixado pela varíola fora terrível, e os que conseguiram sobreviver formavam uma legião de miseráveis de dar pena, composta por idosos, viúvas e crianças órfãs, sem contar aqueles que ficaram cegos. Era um quadro desolador e aquilo me tocava profundamente.

Como nem tudo dura para sempre, dentre coisas boas ou más, a varíola não oferecia mais qualquer risco e a chuva que caiu no ano de 1880 fez com que os retirantes espalhados pela cidade voltassem para os lares que deixaram para trás, sonhando em reconstruir suas vidas nas terras em que sempre viveram. Era bastante difícil para um sertanejo se acostumar com a cidade grande.

Se bem me lembro, já devo ter dito que João era um homem inquieto procurando sempre por uma causa pela qual lutar. Sua recente paixão era agora a causa abolicionista, ganhando cada vez mais força com a Sociedade Perseverança e Porvir. E foi essa sociedade que o convidou para fundar a Sociedade

Cearense Libertadora, com o objetivo de somar-se à luta pela abolição. Isso aconteceu em 8 de dezembro de 1880.

Na Sociedade Cearense Libertadora, por aclamação, ele logo assumiu a função de presidente, ficando estabelecido que seria promovida a libertação dos escravos de acordo com as possibilidades econômicas de seus membros, sem contar com qualquer ajuda do governo. O lema era libertar os escravos, seja por que meio for. Todos por um e um por todos.

Nessa luta, via os recursos financeiros de meu marido se esvaindo, pois ele tirava dinheiro do próprio bolso para financiar as cartas de liberdade e o transporte daqueles que eram roubados pelos abolicionistas para serem escondidos em sítios de pessoas de confiança ou fazendas no interior do Ceará. Como não bastasse, ainda ajudava a manter o *Jornal Libertador*, recém-fundado com outros companheiros, destinado à causa libertária.

Naquela época, era muito incomum, senão raro, uma mulher participar ativamente da política ou dos efervescentes meios literários; aquela que o fazia era por intermédio do marido, que a incentivava e primava pela sua companhia mesmo nos ambientes reservados aos homens, do contrário, isso seria impossível. Era um tempo em que o mundo era muito masculino, sendo destinado à mulher cuidar da casa, da educação dos filhos e, caso talentosa, poderia tocar piano ou se dedicar à leitura ou à escrita, desde que fosse dentro de um círculo extremamente intimista. Decerto, eu fugia aos padrões estabelecidos.

Adorava frequentar as reuniões abolicionistas. Eram fervorosas, empolgantes, vibrantes. A convite de João, ia para todas elas, especialmente, depois que fora instalada² a Sociedade das Cearenses Libertadoras, mais precisamente, no dia 6 de janeiro de 1884, em uma pomposa solenidade ocorrida no Clube Cearense. A diretoria da Entidade fora constituída, sendo a Diretora-Geral, Maria Tomásia Figueira Lima e eu, a sua vice. Agora me falta à memória os nomes do restante daquelas que compunham a Diretoria. Sei que éramos inúmeras mulheres contagiadas pelo ideal libertário de seus respectivos maridos. Não nos contentávamos em desempenhar apenas o papel de donas do lar e de mães. Queríamos mais, na verdade, queríamos mudar o mundo. Senti que o espírito abolicionista estava impregnado em minha alma. Era como se a vida, a partir dali, tivesse adquirido outro sentido.

Nos protestos ocorridos no Porto do Ceará, que contou com a presença maciça dos abolicionistas, da população e dos jangadeiros, onde ficou determinado que ali não seriam embarcados escravos, bem como quando eram organizadas as cerimônias de libertação em vários municípios cearenses, a exemplo das Vilas do Acarape, de Pacatuba e de São Francisco, sempre que João participava, ia junto com ele, enquanto membro de uma sociedade abolicionista feminina. Naqueles momentos, me sentia orgulhosa por ser uma das representantes de um ideário tão dignificante.

Lembro bem que na solenidade de libertação, em Baturité, João e eu, além de várias pessoas proeminentes da capital, as mulheres da Sociedade das Cearenses Libertadoras,

o jornalista José do Patrocínio e o elegante General Tibúrcio, nosso herói da Guerra do Paraguai, tomamos um trem rumo ao nosso destino. Quando descemos na estação, tínhamos que nos deslocar a cavalo para determinado trecho, pois a chuva caída nos últimos dias transformara num lamaçal o acesso onde se daria o evento.

Acontece que nunca tinha subido em um cavalo em toda a minha vida. Para meu desespero, as minhas companheiras abolicionistas que integravam a comitiva estavam todas montadas e a postos, esperando somente por mim. Percebendo meu constrangimento, com discrição, João pediu a dois negros que ajudassem a me colocar na sela do animal. Eles juntaram as mãos e fizeram uma espécie de cadeira. Passado aquele sufoco, seguimos alegres com destino à solenidade.

A Sociedade Cearense Libertadora, liderada por João, após decidir a data em que daria a libertação dos escravos em Fortaleza, convocou uma reunião com os abolicionistas para traçar as estratégias. Na ocasião, ele falou que faltava 5.000\$000 (cinco contos de réis) para pagar as cartas de liberdade. Mais uma vez, estávamos reféns da falta de dinheiro para comprar as cartas de alforria. Isso era uma constante entre aqueles que faziam parte daquela causa. Diante do silêncio dos presentes, onde ninguém parecia disposto a contribuir com um centavo sequer, olhei para João e vi a decepção estampada

em seu rosto. Mais que ninguém, eu sabia de seu esforço dedicado àquela Entidade.

Senti que devia fazer alguma coisa. Com o coração palpitante, temendo pela reação do meu marido, levantei-me da cadeira e de forma quase teatral retirei de minhas orelhas os brincos de brilhantes e o colar de pérolas herdados de minha mãe. Procurando não mostrar qualquer apego, retirei os anéis dos dedos e caminhei com determinação até a mesa onde estava João. Percebendo que todos silenciaram, não entendendo ao certo o que estava acontecendo ou qual o meu intuito, coloquei as valiosas joias em suas mãos. Voltando-me para a plateia, olhei nos olhos dos presentes e falei com voz alta: Eis aqui a minha contribuição! Depois disso, retornei para a cadeira que havia deixado.

João parecia atônito, mas não aborrecido, principalmente, depois que fui calorosamente aplaudida, no exato momento em que retomava o meu lugar. Várias mulheres acompanharam meu gesto e, retirando as joias que as ornavam, foram até o Presidente da Sociedade Cearense Libertadora e depositaram-nas no chapéu que ele estendera para recolher os valiosos pertences das generosas damas. Os homens, por sua vez, resolveram ajudar com dinheiro. E assim, foi arrecadado o numerário necessário para pagar pelas cartas de alforria daqueles que seriam libertos em Fortaleza. Fiquei orgulhosa de mim mesma, sem falsa modéstia. Bom mesmo foi ver a felicidade de meu marido.

Em 24 de maio de 1883, em uma solenidade ocorrida no salão nobre da Assembleia Provincial, a Vila de Fortaleza de

Nossa Senhora da Assunção libertava seus escravos. Após inúmeros discursos proferidos por ilustres convidados e membros de várias sociedades abolicionistas, inclusive, a Sociedade das Cearenses Libertadoras, representada por Maria Tomásia, que proferiu uma tocante fala, uma multidão seguiu para assistir a uma missa na Catedral. Por fim, caminharíamos até o Passeio Público.

Sob a atuação das sociedades libertadoras que se disseminaram em diversos lugares, vilas e mais vilas do interior da Província começaram a romper os grilhões da escravidão, espalhando-se tais notícias pelo Brasil e pelo mundo. O Ceará era a terra da liberdade. A primeira do Império a não aceitar a escravidão.

Era o início do ano de 1884. Eu já tinha dado à luz ao meu sexto filho, tendo ficado bastante debilitada após o parto. Sabia que meu fim estava próximo. Por mais que não desejemos a morte, no fundo, sabemos quando ela está próxima de nos alcançar. É quando se mostra chegado o momento de recapitular a nossa vida em segundos. Fiz isso e gostei do que revi. Quando olhei para o presente, pouco antes de cerrar os olhos para a eternidade, lamentei pelos filhos que não veria crescer e pela libertação dos escravos em toda a Província do Ceará, a acontecer dentro em poucos meses e que não poderia assistir.

-
- 1 Carolina Carlota Cordeiro era filha do renomado médico cearense, Dr. José Lourenço de Castro e Silva e de Maria Amélia de Brito. Nasceu no dia 19 de junho de 1852. Casou-se com o homem de negócios, abolicionista e futuro Senador da República, João Cordeiro, cujas núpcias se deram em 23.01.1875. O casal teve seis filhos. Carolina Cordeiro era vice-diretora da Sociedade das Cearenses Libertadoras, instalada em 06.01.1883, tendo como Presidente, Maria Tomásia Figueira Lima. Faleceu em 04.02.1884, aos 32 anos de idade. Seu filho caçula tinha apenas um mês de nascido. (GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969, p. 137-138.)
 - 2 A fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras ocorreu em 18 de dezembro de 1883, e a instalação em 6 de janeiro de 1884.

Referências

GIRÃO, Raimundo. A Abolição no Ceará. 2ª ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969.

SILVA, Pedro Alberto Oliveira. História da Escravidão no Ceará. Das origens à extinção. 2ª. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2011.

SOMBRA, Waldy. Rodolfo Theófilo: o varão benemérito da pátria. Fortaleza, 1997.

<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1945/1945-ApontamentosBiograficosJoaoCordeiro.pdf> acesso em 02 de outubro de 2022.

<https://gw.geneanet.org/augeri?lang=en&n=livramento&oc=1&p=maria+tomasia+do>. Acesso em 12.10.2022.

https://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1977/ACL_1977_06_Elvira_Pinho_Candida_Maria_S_Galeno.pdf. Acesso em 12.10.2022.

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=229865&pagfis=1089&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

Jornal Libertador de 2 de abril de 1884. <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=229865&pagfis=1089&url=http://memoria.bn.br/docreader#> e <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1984TE/1984TE-ADeclaracao.pdf> Acesso em 12.10.2022.

<https://gw.geneanet.org/augeri?lang=en&n=livramento&oc=1&p=maria+tomasia+do>. Acesso em 12.10.2022.

Mônica M. Tassigny

Mônica M. Tassigny

Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC/CE). Doutorado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (E. H. E. S. S/ Paris) e Pós Doutora pela *Faculté de Droit et Sciences Politiques / Aix-Marseille Université (France)* no Instituto *Louis Favoreau* (GERJC). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza (PPGD/ UNIFOR). Pesquisas e publicações nas áreas: educação, história, cultura, cidadania, sustentabilidade e inovação. Membro titular da Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza AMLEF) e sócia efetiva da Sociedade das Amigas do Livro (SAL). Mais de 100 artigos científicos publicados, 86 capítulos de livros e 10 livros publicados como organizadora. Conta ainda com publicação de conto, crônica e poesia livre em antologias organizadas pela AMLEF. Cronista da Coluna online do Jornal O POVO Mundo em Rede em 2011. Membro da Câmara de Assessoramento da FUNCAP (CE).

SEMPRE BÁRBARA¹

Eu, Bárbara Pereira de Alencar, vivi comerciante e existi revolucionária. Minha fisionomia era a fiel representação da minha alma. Desde criança, em meu olhar existia algo perene que me dirigia muito para o alto, muito para cima, onde o ser humano não podia alcançar, o quase inalcançável lugar da liberdade humana.

Contemple bem... repete-se nas minhas fotos, ao longo do tempo, o modo como minha cabeça aparece impostada: sempre ereta, altiva; no olhar, um ar de profundidade, de confiança e de ligeira doçura. Não precisei de enfeite ou adorno algum, exceto uma trança alinhando um discreto coque que deixava meus cabelos arrumados. Era como uma rainha.... forte, insubordinada e soberana.

Fui toda luta feminina da força, da fraqueza, da fortaleza, da razão, da sensibilidade e da paixão. Talvez, fui concebida para dar vida à matéria inquebrável, multiforme do desejo! Segui minha intuição, sempre para além dos obstáculos e assim, dominei meus medos, com fé inabalável na vitória.

Tive um sonho e imersos pensamentos de tornar-me combatente da verdade. Veja quanta coragem! Na minha luta nunca houve conformação. Combati arrogantes, autoritários e soberbos, e me doe até a alma por uma causa do coração. Fiz-me sempre costas firmes e pronta valente. Sem interrupções...

coloquei-me em movimento. Não tive cansaço na alma, mas abundante criatividade e vigor pela causa da emancipação.

Na minha vida não houve consolo ou remédio. *Libertas quae sera tamen* foi meu principal refrão. Vivi pronta para morrer como ato de doação. Não há nada humano que possa se comparar a tão grande amor à justiça, por isso doeime por inteiro. Deve ter sido o que descrevem como amor incondicional, porque amar deve ser dar tudo de si.

No meio de preocupações de toda espécie, coisas e estados da alma feminina, sem perder a confiança, aproveitei meu tempo nesta terra por causas da esperança. Cultivei um coração guerreiro e coloquei-me à disposição de minha vocação de sonhar a liberdade.

Unicamente, em martírio e em desatino, tomei posse da República como alegrias da Pátria. Deixei-me fruir em delícias e em penúrias para não morrer de desgosto e, em audaz abandono, continuei lutando. Por minha bandeira, perseverarei... Que vida, que aventura! Sem dúvida, tudo faria outra vez com firme intenção pela causa da libertação.

Fui atraída para mover o mundo de seus eixos como militante. Não suportei a multidão de ofensas da opressão. Ninguém pôde me amedrontar, era braseiro ardente daquilo que era prova do que eu mais acreditava ser meu coração, pura audácia, e por isto me chamei Bárbara!

-
- 1 Bárbara de Alencar nasceu em 1760 na cidade de Exu, no sertão pernambucano. Foi uma das mais importantes líderes femininas na luta pela independência do Brasil do domínio português. Participou da Revolução Pernambucana de 1817, um movimento separatista que buscava a independência da região nordeste do Brasil em relação a Portugal. Após a derrota, foi presa pelas autoridades portuguesas e ficou encarcerada por três anos no Forte das Cinco Pontas em Recife. Quando em liberdade, continuou na luta ao lado dos filhos, Padre José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves e Padre Carlos de Alencar, sendo os dois últimos, mortos na Confederação do Equador. Bárbara morreu no ano de 1832.

A MADREPÉROLA ELEGANTE DO “MUNDO EQUÍVOCO”¹

Chamavam-me por Antônia Alves Feitosa, vulgo Jovita Feitosa. Vim ao mundo no lindo 08 de março de 1848. Podia ter nascido em qualquer lugar, em qualquer país, mas nasci no Nordeste do Brasil e desde muito cedo vi a morte bater na minha porta pela cólera.

No auge de minha adolescência, tomei uma decisão: passei tesoura nos cabelos, preendi os peitos em bandagem, empunhei chapéu de vaqueiro, roupas masculinas e fui me alistar nas fileiras brasileiras contra o Paraguai. Feminino-masculino, sobre ser e existir, uma escolha da consciência, um desejo, um sinal.

Tive, deste modo, uma única regra de ouro: agir em autonomia e em arbítrio do que considerava bom ou mau. Ocupei-me, então, do que considerava justo, honroso ou virtuoso: lutar contra a hipocrisia da dominação moral neste mundo equívoco.

Usei assim de modos, os quais considerei adequados e firmes para fazer um bem, dar o melhor de mim com todas minhas forças sensíveis e espirituais. Talvez, isto seja uma virtude, uma disposição da inteligência e da vontade em praticar a fortaleza e fazer resistências às dificuldades.

Eu quis ir à guerra, queria afrontar a vida, ignorei os perigos e avancei contra todos aqueles que me queriam fazer o

mal. “Que os inimigos não me enxerguem, não serei presa e nem amarrada. Avanço com o peito atado, cabelos torados à faca e dentes brilhantes”. De traje militar e botinas parti no 7º Batalhão dos Voluntários da Pátria.

Fui uma mulher que foi à luta, atravessei todos os cantões com sol a pino, pois meu amor me impulsionou e ultrapassou todo o temor. Quem ama tem sempre coragem. Não tive medo, não me inquietei nem perdi a confiança. Conjuguiei tempestade e esperança.

Quando o amor se aperfeiçoa em elevado grau de perfeição, fica-se disposta ao sacrifício e a um certo domínio das vontades. Cessaram os medos dos perigos, retrocedeu a covardia e meu coração selvagem sonhou com vingança em favor de muitas mulheres mortas, feridas e violentadas pelo tempo.

Mas eu, Jovita, de dentes de pérolas, aos 19 anos, encontrei-me novamente com a morte. Minha fotografia saiu em todos os jornais porque todos queriam ver uma mulher combatente no chão.

Inimiga da submissão, dirigi-me ao fronte da vida e contra todo preconceito e exclusão me travesti toda inteira e me tornei e fui sinal de contradição. Mas, nunca cabiam às mulheres atrevimentos desta ordem e saiu no jornal carioca: morreu mais uma “elegante do mundo equívoco”!

Trocou o dedal pela espada, arremessou-se na amargura... e, no final da tarde, fui encontrada morta e, assim, escrevi: não culpem minha morte a pessoa alguma, eu mesma me cravei um punhal de cabo de madrepérola.

-
- 1 Jovita Feitosa, nasceu em 1848 e faleceu em 1876. Natural de Tauá, Ceará, mas foi no Piauí que gravou seu nome na história. Aos 16 anos de idade, tomou uma decisão corajosa: cortou os cabelos, disfarçou os seios com bandagens, colocou um chapéu de vaqueiro e roupas masculinas e fugiu de casa para se alistar como voluntária no Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai, além de participação em outras batalhas como a de Curupaiti em 1866, onde foi gravemente ferida. Também lutou bravamente no conflito em Acosta Ñu, na qual foi capturada pelos paraguaios e mantida prisioneira por um dado período. O preconceito impediu Jovita de realizar sonhos, mas abriu caminhos para muitas outras mulheres nordestinas e brasileiras. Em sua homenagem foi criada a Medalha Jovita Feitosa destinada a mulheres que se destacam na defesa dos direitos femininos e na luta contra discriminação.

EU, ALFERES¹

Meu nome é Quitéria de Jesus. Desde a minha casa de taipa e de pilão sonhava... todo dia o mesmo sonho: quero vestir uniforme e lutar. Em um dia muito quente, não lembro por onde andei, mas acordei na casa de meu pai. Logo, veio-me em mente um *flash*, uma visão: vi o sol a pino e uma grande nuvem de poeira e, logo depois, vinha eu, que galopava um alazão todo branco.

Fui única, irrepetível, nunca fui uma no meio da multidão. No período de meninice, eu não gostava de muita coisa e em nada via finalidade. Na juventude, achava-me alma desregada, desperdiçada em coisas vãs. Na vida, conheci o castigo das palmatórias, mas nem isto me dobrou a alma e me forcei todinha para o bom combate.

Aos dezesseis anos, pensei que não tinha valor, que desagradava, até mesmo, àqueles homens que vinham e iam na estrada de minha casa. Este pensamento oprimiu, por muito tempo, minha alma em ilusórios desgostos na adolescência.

Até que um dia, apareceu-me um atrativo, um sonho, uma paixão. Tornar-me soldado combatente sem medo do abismo da morte. Pela primeira vez, senti prazer em empenhar uma missão. Galgar o inesperado e lutar por justiça rompendo todo o estabelecido para as delicadezas de uma alma feminina.

Desagradei pai e toda uma sociedade. Foi amor de interesse, gostei desta destinação. Foi troca positiva, simpatizei com

a vida. Aceitei, generosamente, minha meta e meu alvo. Vesti-me da vontade de ser livre e levei a ideia adiante.

Era considerada muito tímida e magra, fraca de força e das feições. Neguei tudo que me disseram e fiz grande arruaça com bacamarte na mão. Atirei e cortei a fio de espada cada uma daquelas almas mal-amadas, inimigas da Pátria, portugueses covardes que me montavam ciladas e dominavam os ideais de até então.

Nunca fui toda astúcia, muito menos nobres virtudes, nem sossego de alma. Fui amazona guerreira e sem descanso não fugi ao combate. Foi pela humanidade que fui homem, fui mulher. Na realidade, jamais pensei que tivesse alternativa e, convocada pela vida, realizei destinação.

E assim, em memória do meu nome, gravaram-se, para sempre, independência ou morte. Eu tinha um uniforme azul, desfilava entre grandes pelotões. Cheirava a pólvora e a sangue, corria léguas de medo, matava e prendia, tinha coragens e desatinos. Eu, Quitéria, sentei na praça e nas fileiras brasileiras, fui também Joana D'arc em terras secas e insurgentes.

Na minha vida nem tudo foi glória! Eu, Quitéria, digo o que fiz: montei, cavaleguei cavalos e manejei armas. Da fé usei a coragem, vesti-me de uniforme e lutei com sede de vingança, entrei nas trincheiras e liderei pelotões. Fui o Soldado Medeiros, fui substantivo feminino: Mulher Alferes do sertão.

-
- 1 Maria Quitéria nasceu em 27 de julho de 1792 e morreu em agosto de 1853. Foi uma mulher militar baiana que lutou na Guerra da Independência do Brasil. Foi a primeira mulher a fazer parte do Exército Brasileiro. Quando as tropas portuguesas ocupavam Salvador, em 1822, Maria Quitéria resolveu se alistar disfarçada de homem, usando o nome de seu irmão, que estava enfermo e impedido de se listar. Ela logo se destacou como combatente, participando de diversas batalhas na Bahia, incluindo a batalha de Pirajá, decisiva para expulsão dos portugueses da região. Em sua homenagem foi criada a Medalha Maria Quitéria, concedida a mulheres que se destacam na luta pelos direitos das mulheres e na promoção da igualdade de gênero.

Referências

BRASIL. A Biblioteca Nacional relembra Bárbara de Alencar no Dia Internacional da Mulher”. Biblioteca nacional, 2017. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/2603>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

CAMPOS, Lorraine Vilela. Maria Quitéria. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/maria-quiteria.htm>.

DORATIOTO, Francisco de. Maldita Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MATOS, Kelma, Jovita Feitosa. Fortaleza, Coleção Terra Bárbara, Edições Demócrito Rocha, 2001.

MONTENEGRO, João ALFREDO DE S. Bárbara de Alencar. Revista do Instituto do Ceará 109 (1995), pp 139-52.

TASSIGNY, Mônica Mota; POMPEU, Gina. V. M. (Orgs). História de Nossa Gente. Fortaleza: Editora INESP, 2004.

Carolina Torquato Maia

Carolina Torquato Maia

Advogada, professora e escritora. Mestre em Direito Constitucional Público pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Doutoranda em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Membro da Comissão de Direito Administrativo da OAB/CE (triênio 2022-2024). Participou de diversas coletâneas de Contos, como o selo *offFlip*, Fissura e Intervalo da editora Nadifúndio e o Prêmio de Literatura Unifor 2019. Autora do livro de poemas *Vértice*, publicado pela Expressão Gráfica em 2022.

LUTA SUBMERSA

À Ana Néri ¹

Quando tudo desmorona
Ao vinte e nove anos lanço-me novamente
A parte que resta não descansa

Vou à guerra
Ganho outra vida
Tingida por novo vermelho

Tortos caminhos a percorrer
Outra vez no mundo
Vidas humanas em minhas mãos

Faíscas douradas rebentam no céu
Explosões, estilhaços por todos os cantos
Corro, não pode ser verdade

É no combate que desaba a humanidade
Tudo que vivemos desaparece
Por um tempo a beleza não existe

Toda resposta é errada
Quando não há pergunta
Somente mensagem implícita

O inverno chegará ao fim
Muitos não voltarão
Seus nomes serão lembrados

Continuo viva, sem medo
Tudo agora é memória
Minha luta continua submersa
Arde dentro como febre

-
- 1 Ana Justina Ferreira Néri, ou Ana Néri, consagrou-se na história brasileira em virtude do seu trabalho voluntário em hospitais, na Guerra do Paraguai. Nascida em 13 de dezembro 1814 e falecida em 20 de maio de 1880, no Rio de Janeiro. Atuou como voluntária, em condições precárias de higiene e de socorro às vítimas, com seus próprios recursos, em Assunção, estabeleceu um hospital de campanha. Foi a precursora da Cruz Vermelha no Brasil. Por suas ações e abnegação em socorrer ao próximo é reverenciada como uma das grandes mulheres da História Brasileira, a pioneira da Enfermagem no Brasil. Fonte: <https://www.gov.br/bn/pt-br/assuntos/noticias/ana-neri-a-201cmae-dos-brasileiros201d>. Acesso em 15.03.2023

A PALAVRA ACABA

À Henriqueta Galeno ¹

Quero sentir outra vez
Mexer na ordem correta
Enquanto a palavra acaba
E não consegue sair de dentro

Do interior da minha cabeça
O primeiro lar de ideias
Uma janela desde pequena
Para fugir e tentar outros caminhos

Sou apenas uma mulher
A contemplar o mundo
Que deseja saber quando é noite
Que estou viva, tenho voz

Uma menina sentada na cadeira
Ao lado do pai
Contemplando a vida
É isto que eles fazem o tempo todo

Eu quero berrar no silêncio
Deixar meu rastro
Marcas na terra
Não quero ser esquecida, comida viva

Não há lugar seguro para nós
Caso contrário
Ideais não se perderiam no tempo
Outros nomes não ficariam para trás

Vou lutar
Semear na primavera
Falar sobre os próprios sentimentos
Criar artifícios de esperanças

Não estou só
Me debato através dos poemas
Tenho na alma contorno diferente
Minha liberdade é fora do real

Penso que o voo é curto
Somente quando a palavra acaba

-
- 1 Henriqueta Galeno era filha de Juvenal Galeno da Costa e Silva, escritor e poeta cearense e de Maria do Carmo Cabral Galeno. Fez os seus estudos iniciais no Colégio da Imaculada Conceição e no Liceu do Ceará. Graduiu-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará em 1918, desempenhando a partir de então a função de fiscal federal do ensino médio, cargo em que se aposentou. Em 1919, fundou e dirigiu o Salão Juvenal Galeno, o qual em 1936 passou a se chamar Casa de Juvenal Galeno. Sob sua orientação, foi o principal centro de desenvolvimento cultural do Ceará. Sempre ativa na luta para que a mulher brasileira tivesse direito ao voto. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Henriqueta_Galeno Acesso em: 15.03.2023

MUNDO DE RACHEL¹

Quem diz o que é meu mundo?
Fragmentos de rochas, sol a pino, fissura no tempo
Uma casa, memórias, janela esmaecida pela aurora
Meu mundo está aqui na cozinha, na jitrana surpreendida
pela manhã
No âmagô que me constrói
E vai se modificando invisivelmente
No tracejar das andorinhas
Açude que sangra dores ancestrais
De tantas outras mulheres silenciadas no tempo
Não iam a lugar nenhum
Cresciam secas de sonhos

Quem diz o que é meu mundo?
Minha missão era se apaixonar
Ninguém podia ver a vida em minha cabeça
A mesma que escorria pelas mãos quando escrevia
Corrigindo os erros do tempo
Atravessando fronteiras, criando personagens, vozes femininas

Quem diz o que é meu mundo?
Quando era criança
Fabulava coisas, as três marias cintilavam no céu
Brincava que era homem, mulher, um bicho solto
O mundo era como um raio
Acendia e apagava diversas direções

Quem diz o que é meu mundo?
O mundo sou eu
Crio o mundo dentro de mim
Abro portas, deixo a poeira entrar
Meu mundo é um só

À terra retornarei
Rodeada de rochas
Eu olho para dentro, choro
Rememoro um amor, dor eterna
Balbucio ao mundo: não me deixes

-
- 1 Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará, em 17 de novembro de 1910. Faleceu no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 2003. Em 1917, mudou-se para o Rio de Janeiro, acompanhada dos pais que procuravam, nessa migração, fugir dos horrores da terrível seca de 1915, que mais tarde a escritora aproveitaria como tema de “O Quinze”, seu livro de estreia. Com 20 anos, apenas, projetava-se na vida literária do país, agitando a bandeira do romance de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca. Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em 15.03.2023. MARTINS, Wilson; ARÊAS, Vilma; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo, IMS, 2005.



O objetivo do presente livro é justamente esse, reconstruir a memória de mulheres marcantes que exerceram grande influência histórica no imaginário feminino da região Nordeste. São narrativas complementares de três escritoras mulheres, que a elas procuram dar voz, para tanto, fazendo uso da licença poética, em prosa e em verso, para expressar suas essências.



9 786555 566970